

## 5. Conclusão

Verificamos na presente dissertação que a produção artesanal faz parte do modo de produção industrial, mesmo que em uma condição de subordinação ou isolamento. Nesse contexto, as teorias de Pierre Bourdieu auxiliaram na verificação de que, dentre as ações com vistas a auxiliar na dinamização da produção artesanal nesse sistema, as instituições oficiais desencadeiam a interação mais ativa na contemporaneidade. Assim, ao valorizar e fomentar o artesanato, as instituições geram novas situações que podem influenciar e transformar a produção, legitimando seu campo de atuação e desencadeando processos denominados por Canclini<sup>1</sup> como “*processos de hibridação*”.

Isso não significa dizer que não existem transformações na produção artesanal fora da esfera do fomento institucional, mas que as modificações geradas pela interação com as instituições podem se desenvolver com modalidades específicas. Como vimos, no Brasil, destacam-se as seguintes formas de apresentação: artesanato re-configurado pelo designer e artesanato como Patrimônio Cultural de natureza imaterial.

Diante das formas de atuação do design sobre o artesanato, no exame da *epistème* do campo, percebemos que John Ruskin verificou as possíveis formas de atuação do designer e os elementos que compõem a atividade criativa - de artesão, de artista e de designer. Aloísio Magalhães, de outro modo, conferiu destaque ao design e ao artesanato nas políticas públicas e revelou as formas de produção do artesanato brasileiro. Podemos concluir que o resultado da análise de John Ruskin e de Aloísio Magalhães aponta para o mesmo vetor: ambos souberam ler e entender o contexto de surgimento do design e o da produção artesanal, possibilitando a ampliação teórica do tema, considerado menor em suas épocas.

Se foram verificadas as formas de criação do designer e do artesão, o que exige maior discussão hoje é a atuação do designer sobre a produção criativa e o produto artesanal. Nesse sentido, a dissertação pretendeu apontar para a necessidade de se aprofundar o olhar em direção a essa atuação, procurando a justa medida entre a intervenção do produto e a da ideologia de uma comunidade.

---

<sup>1</sup> García Canclini, N. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2003.

Nesse âmbito, acreditamos que a atividade de design deve partir da abrangente visão de Gustavo Bomfim<sup>2</sup>, que desconsidera as convenções do campo de design em prol de uma atividade mais integrada ao complexo social. Partindo do pressuposto de que a atividade do design deve ser vista pelo lado cultural, ou seja, incorporada a uma complexa rede de informações, referências e influências, Bomfim avalia que a configuração de objetos de uso também deva ser encarada como a *materialização dos ideais* e das *incoerências* de uma sociedade, sujeita ao contexto sociocultural, de forma retrospectiva ou prospectiva.

A compreensão de que os objetos de nosso meio são a materialização de um conjunto de fatores sociais conduz à conclusão de que a produção de objetos, tanto pelo designer como pelo artesão, é uma forma de criação - no sentido de coletividade que examinamos. Nessa medida, designers e artesãos produzem seus objetos de referência. Assim, acreditamos que há uma sobreposição de processos de criação, e que a assunção do diálogo, em detrimento do confronto, deva existir nos intervalos entre as duas formas de criação e no objetivo, mútuo, de fazer o produto circular no mercado.

No entanto, se não existem fórmulas para encontrar esses intervalos, existe a indicação de assumir a postura de pesquisador. Só assim se tornarão perceptíveis quais os conhecimentos do campo do design que podem ser utilizados e em quais intervalos os diálogos podem ser estabelecidos, possibilitando, de certo modo, uma *não-ruptura* com as condições materiais e simbólicas da produção artesanal.

É nesse sentido que apontamos para as margens do campo do design, para os interstícios dos saberes em direção a uma reflexão sobre a produção social do objeto, sobre o homem e o objeto e o homem e seu universo sociocultural. A desconsideração do elemento técnico e do imaginário local de uma comunidade produtora pode gerar o bloqueio do processo de criação. Em contrapartida, perceber os modos de produção e respeitar as necessidades locais, o domínio técnico e o universo simbólico da comunidade contribuem de forma decisiva para o incentivo a novas formas de produção e de criação, dando autonomia ao processo.

---

<sup>2</sup> Bomfim, G. "Coordenadas cronológicas e cosmológicas como espaço das transformações formais".in: Couto, M. S. e Jefferson, A. O. (org.) *Formas do Design por uma metodologia interdisciplinar*. Rio de Janeiro:2AB &PUC-RJ,1999.